

"Estar aqui, na minha missa final do 12º ano, é estranho. Surreal, diria mesmo. Quando somos pequenos há coisas que parecem tão distantes, e esta é uma delas. Construímos casas de legos parece que desde sempre, e um dia chegam à nossa beira, dizem-nos: 'és finalista', e é suposto aceitá-lo como se não fosse nada, como se não tivéssemos quase obrigatoriamente de partir daqui para uma faculdade, um mestrado, daí para um emprego, uma casa que não seja de legos e uma família.

Enchemos o peito de ar e pensamos: 'e agora?'.

O ano passado andei uns tempos angustiadíssima a pensar no que será daqui para a frente, (sim, porque este ano não há tempo nem para pensar).

Passeio pelos corredores desta casa desde os meus 5 anos.

Gosto de cumprimentar todas as funcionárias quando vou a correr para as aulas, quando era pequena e ficava cá até tarde as senhoras da cozinha davam-me sempre um pão com manteiga. Sei que as funcionárias do bar me vão perguntar como ando se num dia de maior cansaço ficar mais abatida, e não desisto de agarrar a Celeste mesmo quando ela resmunga e diz que não gosta de beijinhos. Tive o privilégio de trocar correspondência com amigos que também são professores, desde a primária até agora, e a espantosa sorte de conhecer pessoas com histórias incríveis, desde vigilantes, passando por irmãs, até professores que tratam os alunos, antes de mais, como seres capazes de uma evolução humana.

E há também histórias que nos marcam, ouço professores e funcionários falar de alunos antigos, sei que irão falar de nós e de outros que nos seguem, e que um dia falaremos deles aos nossos filhos.

Para este ofertório trouxe os meus cadernos da primária. Quando em pequenos os pais nos lêem histórias de embalar percebemos que é importante aprender a ler para traduzir alguns dos mais inexplicáveis segredos do mundo. As palavras têm o dom da eternidade, e quando o aprendemos há uma porta que se abre para países de muito longe.

Sei da primária que os dias eram curtos, a professora afectuosa e preocupada e que a melhor hora do dia era definitivamente a do almoço, porque me sentava à mesa com os meus melhores amigos. (Mais tarde percebi que isso é 'partilhar o pão'.)

Depois de saber ler comecei a aprender o sentido de nos dizermos cristãos; mais tarde voltaram a ensinar-mo e só então percebi que se trata de o descobrir todos os dias.

Não me canso de ter comigo aqueles que me viram crescer verdadeiramente de perto. Quando me pediram para trazer os meus cadernos fui procurá-los, e depois peguei neles com cuidado, (é estranho segurar em objectos assim), e página a página, procurei textos que me dissessem alguma coisa. Encontrei um do meu 2º ano que tinha como título: 'Falo dos meus amigos.' E por incrível que pareça, das cinco pessoas de quem falava, uma nem me lembro de quem era (se estiveres por aí aparece, Ana Margarida), outra, não voltei a ver depois do 4º ano. Mas

os três restantes são, ainda hoje, os meus melhores amigos, e considero um privilégio poder tê-los a meu lado.

Sei que com muitos de vocês isto também aconteceu, é uma das consequências de habitar um lugar tanto tempo como nós, acabamos por habitar também as pessoas e com algumas criam-se laços inquebráveis.

Tenho muita gente que me diz que são demasiados anos – que dizer? É mesmo uma casa.

Depois, temos coisas que apesar de muito concretas ganham, sem querer, o valor de ícones. Falo da nespereira carregada de frutos no verão, do túnel de rosas, da casa pequenina da quinta com as cadeirinhas encostadas à parede desde que me lembro ou das escadarias do palacete, húmido e solene, onde os passos ecoam mais e o piano às vezes se ouve.

Há uma árvore especial, a japoneira do campo que antigamente era de areia. Lembro-me disto tão bem. As flores em tons de rosa e branco, as folhas verdes. Os ramos grandes o suficiente para não quebrar e pequenos que bastasse para os subirmos. Quando começava a ficar calor o chão enchia-se de flores e uma sombra deliciosa apoderava-se daquele sítio, os risos, os nossos risos, o perfume, subíamos pelos ramos e sentíamos-nos maiores a ver o mundo de um sítio mais distante.

Hoje somos nós, deste sítio, a espreitar o mundo que nos parecia tão distante, em cima de um galho qualquer mais forte que nos vai segurando.

O modo como as flores apodreciam no outono fazia-me pensar no verão seguinte, mas um dia, não sei bem como, voltei a subir e o meu corpo já não cabia.

Há momentos como este, em que compreendemos que há lugares em que já não cabemos, lugares de onde é preciso partir.

Gosto de pensar nas memórias como raízes. Gosto de pensar em nós como sementes. Se algum dia aqui voltar pergunto-me se não me chegarão a aparecer os risos das crianças no recreio mesmo que não esteja lá ninguém, se não voltarei a ver-nos naqueles dias felizes, em que subíamos às árvores e esperávamos pela hora da refeição, sem tempo para mais. Espero por estes sítios como se espera voltar a casa.

E se calhar tudo isto nem faz tanto sentido assim, mas há coisas que não se explicam, há cheiros e risos que não se esquecem, há abraços que queimam para sempre e palavras demasiado densas por dentro de todas as recordações.

A verdade é que há momentos tão bons que nos deixam uma espécie de estigma aflitivo, como se soubéssemos para sempre que voltar atrás é voltar às mesmas pessoas.

'E agora?'

Agora, há passos que temos de dar, foi para isso que nos preparámos ao subir às árvores e partilhar o pão, porque há sempre algo a conquistar e pão a partilhar com alguém.

Entretanto há sítios a que forçosamente regressaremos, e mesmo que não chegue a faculdade ou o emprego ou a família, há sempre uma casa à nossa espera. Nem que seja a das nossas memórias afectivas.

Nem que seja Sião."

Francisca